

Universitários brasileiros têm dificuldade com idioma

Segundo especialistas, formação deficiente é constatada nos cursos de graduação e pós

ROSA LUIZA BAPTISTELLA

Estudantes brasileiros saem das universidades sem domínio da língua portuguesa. A formação deficiente é constatada na graduação e na seleção dos cursos de pós-graduação. Os problemas são comuns a candidatos de diferentes áreas de formação (humanas e exatas) e nas instituições de todo o País – vão desde erros ortográficos até incapacidade de interpretação de texto.

“Pelo menos 40% dos estudantes não conseguem organizar idéias, apresentam erros de concordância e pontuação”, diz o diretor do Instituto de Química da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Angelo da Cunha Pinto. Sua observação baseia-se na experiência como professor de graduação e orientador de teses na pós.

Ná Universidade Estadual Paulista (Unesp), no câmpus de Marília, a pós-graduação em educação não consegue aprovar mais do que 20% dos candidatos, afirma o coordenador Celestino Alves da Silva Filho. “Em 60% dos casos observa-se a falta de domínio da linguagem”, diz. “É muito frequente a dificuldade para identificar idéias básicas de um texto.” A Unesp recebe candidatos de todo o Brasil.

Especialistas avaliam que, no Brasil, a questão está ligada prioritariamente à baixa qualidade dos cursos básico e de 2.º grau. Apesar da peneira do vestibular, muitos chegam à universidade sem capacidade de raciocínio, de expressão e de correlação. Nos cursos de graduação as dificuldades não são atacadas porque a maioria dos docentes concentra esforços no conteúdo específico da área e lida, em geral, com classes nu-

merosas. A conclusão é que as limitações persistem na pós-graduação.

Na fase da pós, o baixo conhecimento da disciplina é fator eliminatório. Quem não tiver instrumental de linguagem fica de fora. O fato, em alguns casos, leva ao subaproveitamento de vagas disponíveis. O Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam), acoplado à reitoria de pós-graduação da Universidade de São Paulo (USP), é um exemplo. O objetivo do programa, que forma mestres, é repensar de forma global (por isso é multidisciplinar) a realidade latino-americana.

O Prolam tem capacidade para atender até 30 inscritos a cada ano, mas têm sido selecionados de 16 a 20 candidatos entre 100 e 120 inscrições. “Se fossem admitidas pessoas não capacitadas, a excelência do curso seria comprometida”, diz a economista Maria Cristina Cacciamali, da Faculdade de Economia e

Administração (FEA/USP) e presidente do Prolam. “Pior do que não saber escrever é não compreender o que se está lendo.”

Expressiva parcela de candidatos é barrada na seleção porque, nessa fase, não é mais

BAIXO
CONHECIMENTO
É FATOR
ELIMINATÓRIO

possível recuperar a capacidade de exposição. Essa é a opinião do orientador em língua portuguesa da USP e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), Dino Pretti. Ele afirma que algumas instituições dispõem de programas para melhorar a linguagem dos alunos da graduação.

A professora Maria Cristina Cacciamali avalia que esse quadro é decorrente do 2.º grau inadequado, que não valoriza aspectos formais das disciplinas necessários à educação. Ela diz não haver diferenças significativas entre candidatos vindos de escolas públicas e particulares. “Apenas uma pequena parcela que chega da rede privada se destaca”, afirma. “E quem é bom em português é bom nas outras disciplinas.”